

CONTEXTUALIZAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO



O presente trabalho parte da premissa que o trabalho final de graduação deve ser ao mesmo tempo uma amostra dos conhecimentos obtidos durante a graduação e o olhar do estudante, apurado para com as causas que julga ser importantes. Volta-se o olhar para o município de Sertão, norte do Rio Grande do Sul, e propõem-se uma intervenção numa comunidade Quilombola do município.

Em parceria com a Emater/RS do município, foi realizada uma pesquisa e análise, através do «Diagnóstico da Realidade Municipal». Este documento apresenta as 22 comunidades rurais do município, e, dentre estas, duas comunidades são remanescentes de Quilombos, Arvinha e Mormaça. Ambas apresentam aspectos fortes relacionados a vulnerabilidade socioeconômica e também espacial, mas, o trabalho centra-se em Mormaça.

O Quilombo Mormaça, local que foi desenvolvido esse trabalho localiza-se no interior do município de Sertão, cerca de 6km da área urbana e distante 50km da cidade de Passo Fundo, no planalto médio rio-grandense.

A comunidade de Mormaça é formada por 18 famílias, aproximadamente 64 pessoas, e vivem numa área em torno de 3 hectares, e reivindicam desde 2001 por 410 hectares, regularização do perímetro das terras em que vivem hoje e de áreas que lhes foram tomadas com o passar dos anos.

A Comunidade Mormaça é uma das muitas comunidades Quilombolas do Brasil que lutam pelo resgate do seu espaço. Na busca por compreender esses processos de formação e luta o pesquisador José Maurício Arruti (2006), em seu livro intitulado «Mocambo» explica os processos de formação Quilombola no Brasil.

Arruti (2006) diz que o desafio dos estudiosos e cientistas sociais é compreender os desmembramentos dos direitos diferenciados dos grupos étnicos que foram criados na forja da história colonial, marginalizados e esquecidos na construção da nação e ressurgidos no contexto multiculturalista do final do século XX.

Mormaça é uma das áreas ocupadas por remanescentes de negros escravos, que tiveram suas terras doadas pelos seus senhores, é o caso da negra, ex-escrava Francisca Mormaça (mais conhecida como Chica), o que mais tarde originou o nome do quilombo.

A terra é fundamental para que comunidades tradicionais possam produzir e manter seus costumes, artesanato e produção de alimentos, uma das principais formas de garantir a sustentabilidade dessas comunidades.

Segundo o Decreto Nº 6040/2007, povos e comunidades tradicionais tem relação direta com a terra e são definidas da seguinte forma:

Grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição (BRASIL, 2007).

A comunidade de Mormaça organiza-se atualmente de forma simples. Ficam dispostos aglomerados de moradias de acordo com o grau de parentesco e o restante do terreno é aproveitado para o plantio de algum tipo de hortaliça, ou grãos que não necessitam de muito espaço para se desenvolver. Conforme o Esquema 1, com imagens da área do Quilombo.

CONHECENDO A COMUNIDADE DE MORMAÇA

As famílias de Mormaça vivem de forma simples, construindo e modificando o espaço de acordo com a área disponível.

Através das imagens do Esquema 1, é possível ver as pequenas áreas onde as famílias vivem, nada muito além do espaço da casa e algumas vezes, a sobra de lote é utilizada para o plantio de vegetais, mesmo assim, não garante a subsistência da família.

Os moradores relatam que a terra é essencial para que se possa plantar e garantir a permanência dos membros na comunidade. Parte dos moradores trabalham como diaristas para os agricultores do entorno, e, geralmente esses agricultores cedem pequenos terrenos para que possam plantar algum tipo de produto, como milho, pipoca, mandioca e feijão.

A população se auto-define como agricultores, apesar de não haverem terras, os mesmos trabalham de forma direta com a mesma, em terrenos vizinhos.

É difícil encontrar referências culturais na comunidade, a forma de organização, anteriormente mais coletiva, passa a ser neste momento de forma mais individualista.

A religião predominante é católica, exceto 3 das 18 famílias se declaram evangélicas, e atuaram na construção de uma igreja na comunidade.

Durante os diálogos as famílias relataram que a população mais jovem do quilombo tem que sair em busca de emprego e estudo, sem oportunidades de trabalho próximo algumas famílias se mudam para outros municípios.



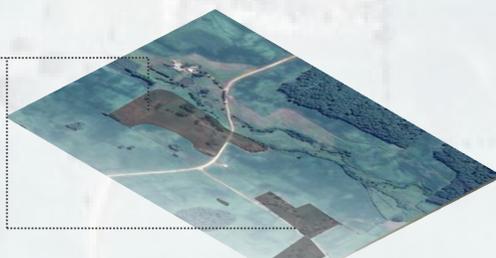
Esquema 1: Área de ocupação, moradias e equipamentos na Comunidade do Quilombo Mormaça.

- 1 Horta no fundo de lotes
- 2 Casas de moradores
- 3 Horta no fundo de lotes
- 4 Casas de moradores ao lado da estrada
- 5 Casa de morador
- 6 Casa morador e local onde Chica Mormaça viveu
- 7 Salão comunitário, onde recebem visitantes, minicursos, entre outras atividades
- 8 Igreja Evangélica construída por 3 moradores
- 9 Moradias
- 10 Moradias e Galpões
- 11 Aglomerado moradias

Como equipamentos encontrados pode-se destacar uma igreja evangélica e um salão comunitário. Neste último recebem visitas externas, realizam oficinas e demais atividades que são feitas no Quilombo. Nesse mesmo espaço realizam festas em devoção a Nossa Senhora Aparecida, conforme mencionado durante a entrevista no dia 10 de maio de 2014, «o salão fica pequeno pra tanta gente que vem na comunidade». Os equipamentos podem ser vistos ao lado, no Esquema 1.

ANÁLISE DO SÍTIO FÍSICO E SOCIOESPACIAL

Área utilizada hoje no quilombo, aproximadamente 3 hectares

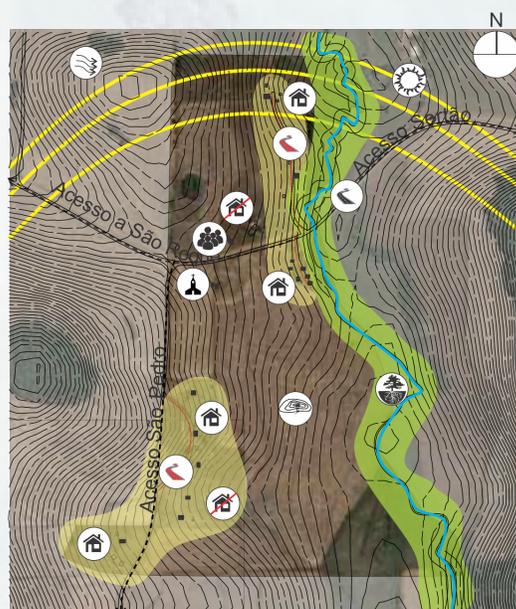


Esquema 2: Área atualmente ocupada.

Área que engloba a comunidade, juntamente com partes do perímetro em processo de regularização (cerca de 45 hectares).



Esquema 3: Área demarcada para a intervenção arquitetônica.



- ☀️ Trajetória solar
- 🌀 Os ventos predominantes são noroeste
- 🌳 Ausência de vegetação na área de APP, margens do riacho
- 🏞️ Topografia possível intervenção
- 🛣️ Estrada que interliga a área urbana de Sertão e outras comunidades do município
- 🛣️ Estrada que interliga a estrada principal às moradias do Quilombo
- 🏠 Salão Comunitário, onde a população do Quilombo se reúne, recebe visitantes, palco de diferentes atividades, oficinas, reuniões, palestras e festas
- 🏛️ Igreja Evangélica e poço artesiano que abastece a comunidade
- 🏠 Edifícios que não foi possível identificar o uso, abandonados
- 🏠 Aglomerado de moradias
- 👉 Acesso à área urbana de Sertão e Comunidades do Entorno

Esquema 4: Análise condicionantes físicas.



Esquema 5 e 6: Distribuição moradias atualmente e quadro com número de pessoas de cada grupo familiar.

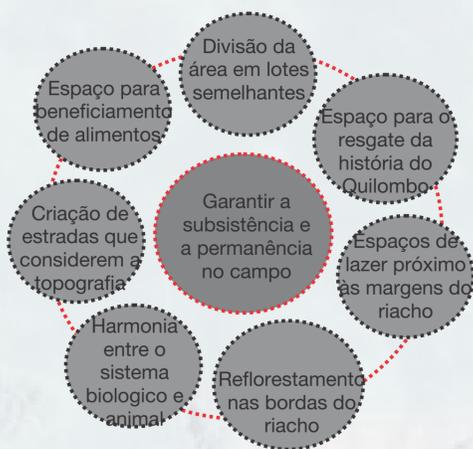
QUADRO DE FAMÍLIAS QUE VIVEM NO QUILOMBO X NÚMERO DE PESSOAS	
IDENTIFICAÇÃO DA FAMÍLIA	NÚMERO DE PESSOAS
FAMÍLIA A	4 pessoas
FAMÍLIA B	3 pessoas
FAMÍLIA C	5 pessoas
FAMÍLIA D	3 pessoas
FAMÍLIA E	2 pessoas
FAMÍLIA F	3 pessoas
FAMÍLIA G	4 pessoas
FAMÍLIA H	1 pessoa
FAMÍLIA I	3 pessoas
FAMÍLIA J	4 pessoas
FAMÍLIA K	5 pessoas
FAMÍLIA L	4 pessoas
FAMÍLIA M	2 pessoas
FAMÍLIA N	2 pessoas
FAMÍLIA O	3 pessoas
FAMÍLIA P	2 pessoas
FAMÍLIA Q	4 pessoas
FAMÍLIA R	3 pessoas

Foi a partir da aproximação com a Comunidade do Quilombo Mormaça que se iniciou a busca por reconhecer as necessidades e as possibilidades de intervenção.

Com isso, inicia-se uma reflexão e da relação dessas famílias com a terra e assim possibilidades de intervenção na comunidade.

A carência de espaços de produção, lazer, reconhecimento e memória resultou em intenções projetuais, que por meio da proposta de tfg se materializa em objetos arquitetônicos.

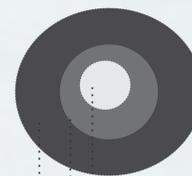
Como é possível ver a seguir (Esquema 7), todas as intenções se embasam em maneiras de propor melhorias na área que garantam e mantenham a relação dessas famílias com o local onde vivem



Esquema 7: Intenções Projetuais.

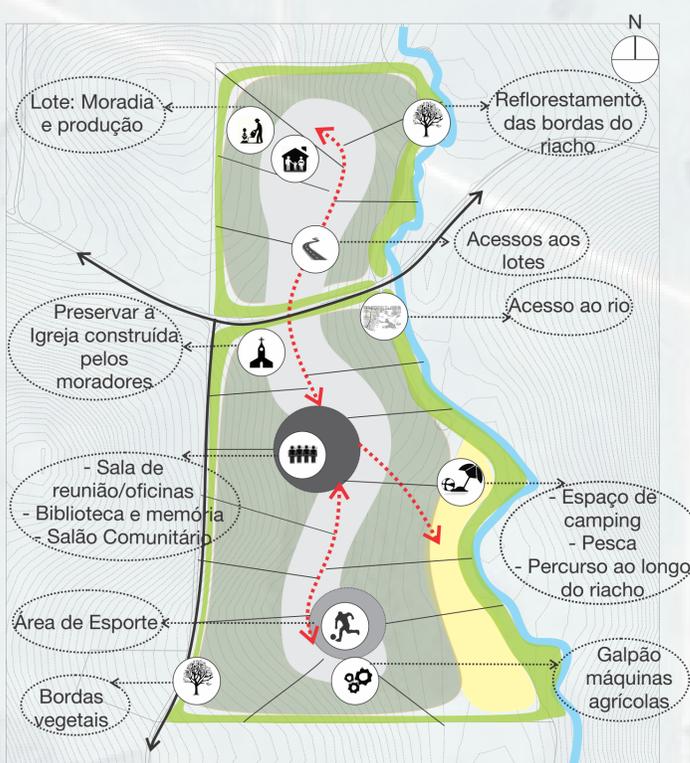
A proposta se embasa nos modos de vida do campo. E, é partir disso, que se evidencia a necessidade de uma reorganização espacial da área (Esquema 8), na busca de tornar o espaço de morar e produzir conectados possibilitando melhorias na vida da população local. Busca-se referências em agrovilas, seguindo preceitos de permacultura e a discussões relacionadas com o espaço em que habitam amparada por Amos Rappoport e Óscar Hagerman. Ambos trabalham com muita cautela e níveis de integração quando se trata de comunidades especiais/ tradicionais.

Segundo as famílias são realizadas diversas atividades no centro comunitário do quilombo, como por exemplo oficinas de panificação, bolachas e de artesanato, quase sempre promovidas por órgão como Secretaria de Assistência Social do município, EMATER/ RS e Instituto Federal de Sertão.



Esquema 8: Níveis de Integração dos Espaços, adaptado de Amos Rappoport.

ZONEAMENTO DA PROPOSTA



Esquema 9: Zoneamento da Proposta

Conforme o zoneamento (Esquema 9), busca-se criar equipamentos adequados para proporcionar uma nova forma de uso da terra. Através de; divisão de lotes com áreas semelhantes, novos acessos, camping, área de esporte, sala de reunião, biblioteca, venda, salão comunitário com cozinha e galpão para máquinas agrícolas.

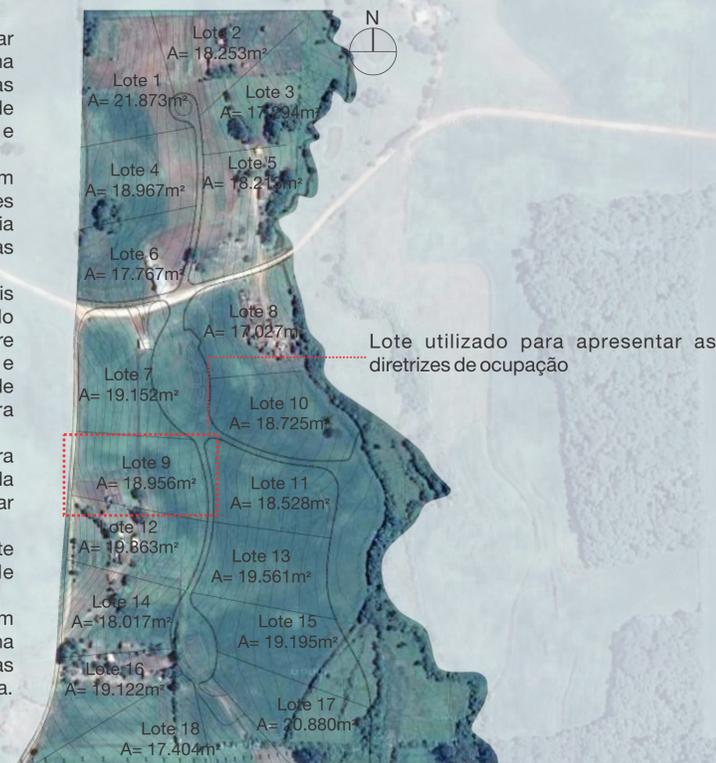
A divisão de lotes foi definida após os diálogos feitos com os moradores. Eles expuseram que a divisão da área em lotes menores seria mais viável, principalmente porque cada família faria a gestão e organização a seu modo. Relataram experiências de trabalho coletivo que não foram bem sucedidas.

De modo geral, busca-se tornar a área de 45 hectares mais integrada com as funções de uso coletivo e uso privado propostas. A área dividida em lotes menores tem em média entre 1,5 a 2 ha. Nessas haverá o espaço mais privado da habitação e espaço de produzir alimentos para garantir a sobrevivência de cada família, proporcionando uma nova alternativa para permanecer no campo.

Os 18 lotes tem áreas semelhantes, todos com frentes para a estrada, configuração que as famílias já apresentam. Cada família terá a opção de produzir no seu lote e o excedente trocar com os vizinhos, e ou, comercializar.

As famílias apresentam um grau de parentesco bastante próximo. Assim, intenta-se deixar que esse aspecto de vizinhança ainda permaneça, mesmo com lotes maiores.

Com a produção de cada lote, acredita-se que haverá um excedente de produtos. Esses poderão ser pré beneficiados na cozinha do salão comunitário, onde já foi pensado com áreas para câmara fria, deixando os alimentos refrigerados até a venda.



Esquema 10: Imagem de satélite com a divisão dos lotes. Imagem Google Maps

DIRETRIZES DE OCUPAÇÃO DO LOTE

O intuito de criar diretrizes para a ocupação do lote é pelo fato da área de produção ser reduzida. E por meio de planejamento essa área poderá apresentar boa produtividade para a família.

O lote foi pensado com conceitos da Permacultura (Agricultura Permanente, segundo Bill Mollinson, pai da Permacultura), utilizando as zonas como formas de organização do lote:

Zona 1- é o centro do sistema, a casa e o espaço a sua volta, compreende a área mais próxima da casa, visitada diariamente e onde coloca-se os elementos que necessitam de cuidado diário: a horta, as ervas culinárias e medicinais, alguns animais de pequeno porte e árvores frutíferas de uso freqüente (ex. limão, laranja).

Zona 2- envolve aqueles elementos que necessitam de manejo freqüente sem a intensidade da Zona 1. Algumas frutíferas de médio porte, galinhas e tanques pequenos de aquicultura poderão fazer parte dessa Zona, bem como outros animais menores (patos, gansos, pombos, coelhos, codornas etc.)

Zona 3 e 4- já mais distante da casa, é possível incluir as culturas com fins comerciais, que ocupam mais espaço e não necessitam de manejo diário. Também possível incluir a criação de florestas de alimentos, animais de médio e grande portes com rodízio de pastagens; produção comercial de frutos e castanhas, entre outros elementos essenciais à diversidade da produção.

Zona 5- coleta de sementes, reserva pra manejo reflorestal, é uma zona de utilização ocasional.

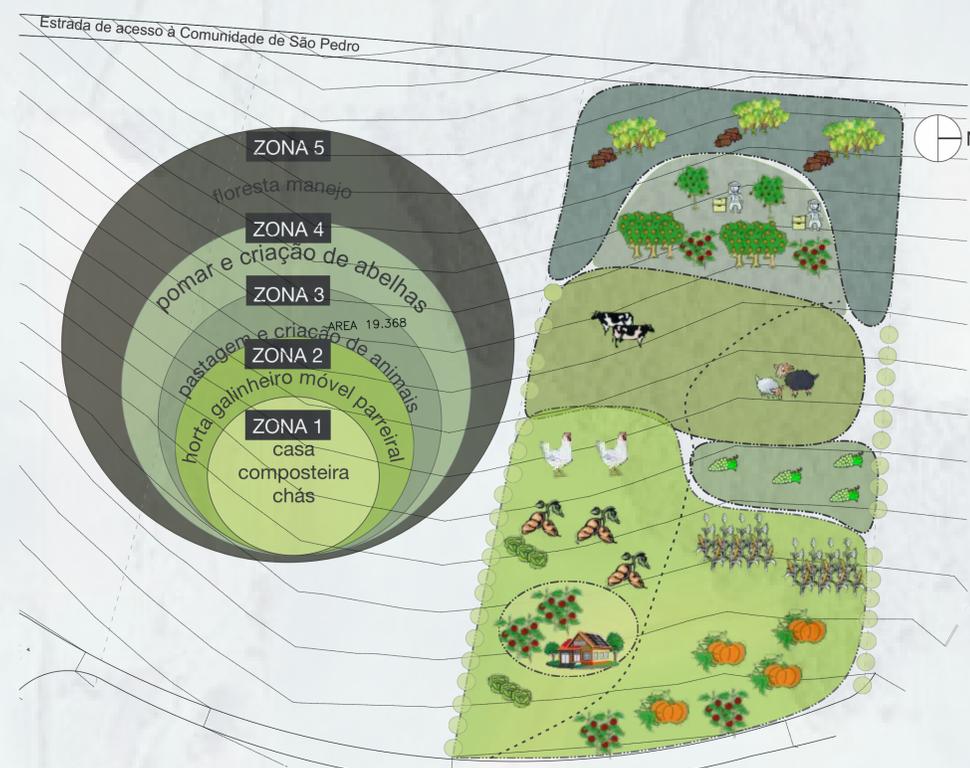
Com uma área que varia entre 1,5 a 2 hectares as famílias poderão produzir grande parte do próprio alimento, utilizando dessas diretrizes de um sistema de Agricultura de Subsistência. Quanto mais diversificada a área de plantio, mais alimentos serão produzidos.

A organização do solo por Zonas e trabalhar com a policultura é uma alternativa para que os moradores do Quilombo possam trabalhar no seu lote e permanecer no campo. O excedente dessa produção poderá ser pré-beneficiado no próprio Quilombo, na cozinha do Salão Comunitário, durante os dias que não houverão festividades, e, posteriormente vendido na cidade de Sertão ou na venda do Quilombo, para a vizinhança e visitantes.

Os dezoito lotes foram pensados com área equânimes, mas cada um deve se adaptar de acordo com a topografia e também as especificidades de cada morador, como por exemplo, alguns poderão não ter criação de animais e destinar a área para a produção de outro tipo de alimento.

O lote escolhido apresenta uma área de 18.956 m², pouco mais de 1,5 ha, tem uma área bastante diversificada, com horta, plantio de milho pipoca, feijão, mandioca, parreiral, galinheiro móvel, um ou dois cordeiros e uma ou duas vacas para o leite, cabe ressaltar que é essencial priorizar raças como Jersey que não necessitam de grandes áreas para a alimentação. Na zona 4 e 5 é possível também criar abelhas, já que o uso dessa área é bem eventual.

Na zona 5, a floresta de manejo faz a proteção do lote em relação a estrada, funcionando como uma borda de cada lote.



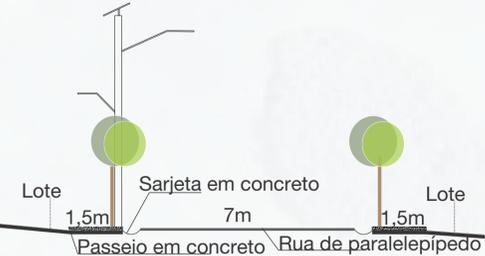
Esquema 11 e 12: Sistema de Zonas e lote zoneado



Imagem Satélite com a ocupação hoje e divisão dos lotes proposta

- Centralidade do Quilombo:
São propostos dois edifícios, o salão comunitário a direita, e a esquerda um edifícios com uma sala flexível/reuniões, sanitários, biblioteca e memória e venda. Esses conectados por uma praça, com áreas sombreadas e espaços de estar.

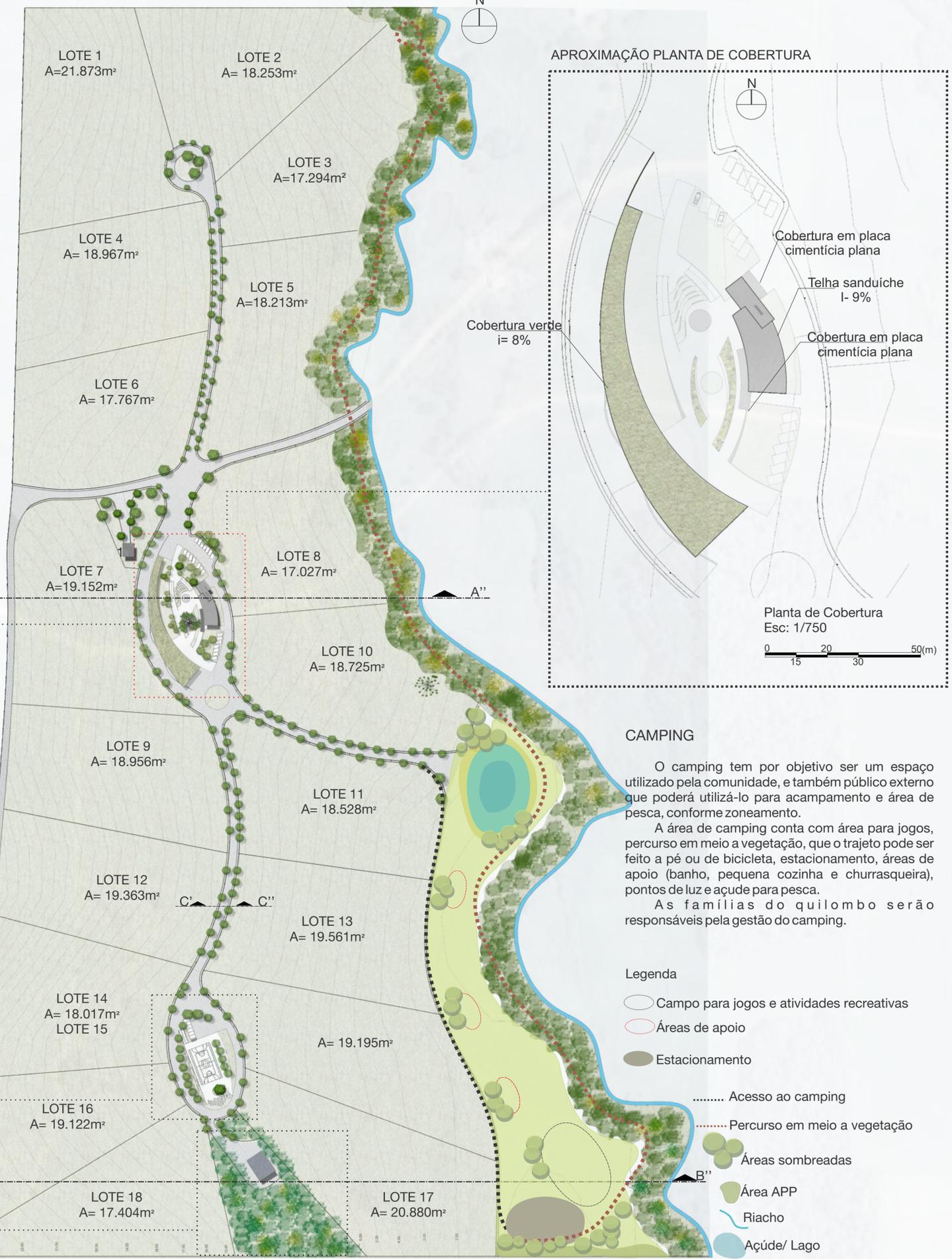
*1- Preservada igreja evangélica construída por moradores



As ruas criadas internamente no quilombo contam com revestimento em paralelepípedo, com calçadas de 1,5m de ambos os lados e iluminação em um dos lados do passeio, com lanternas voltadas para a rua e passeio.

- Área de esporte
Conta com uma quadra poliesportiva, sanitários, estacionamento e áreas sombreadas.

- Reserva Legal para uso na comunidade
- Galpão para máquinas agrícolas de uso coletivo para os membros da comunidade.



CORTE A, A'
Esc: 1/2000

CORTE B, B'
Esc: 1/2000

IMPLANTAÇÃO
Esc: 1/2000
0 25 50 100(m)





Imagem da praça que conecta os dois edifícios



- Salão Comunitário e Cozinha
- 1- Sanitários
 - 2- Banho
 - 3- Área Refrigerada
 - 4- Despensa
 - 5- Cozinha
 - 6- Bar
 - 7- Salão Comunitário, área de mesas
 - 8- Estacionamento
 - 9- Entrada de serviço

- Salão Comunitário

Os materiais utilizados para o edifício são basicamente, a madeira, que fica disposta no salão das refeições, estrutura e vedação; e o concreto, no bloco dos sanitários e áreas de apoio a cozinha.

Tem por objetivo ser um espaço para as festividades da comunidade, conta com, um bar; espaço para as mesas e sanitários. o Salão abriga uma cozinha, que pode ser utilizada para o preparo das refeições quando ocorrem festas, geralmente nos finais de semana, e durante a semana poderá ser utilizada para o pré-beneficiamento dos excedentes provenientes dos lotes.

Após esse processo os produtos poderão ser armazenados na área refrigerada e posteriormente vendidos na venda do Quilombo, e ou, na cidade.

A cozinha conta com (ver corte D'D''):

- Churrasqueira, pias, balcões de corte, fogão industrial, forno, churrasqueira, refrigeradores. A cozinha tem uma área de apoio com banho e área de armazenagem de alimentos, refrigerados e não refrigerados.

- Edifício com cobertura verde

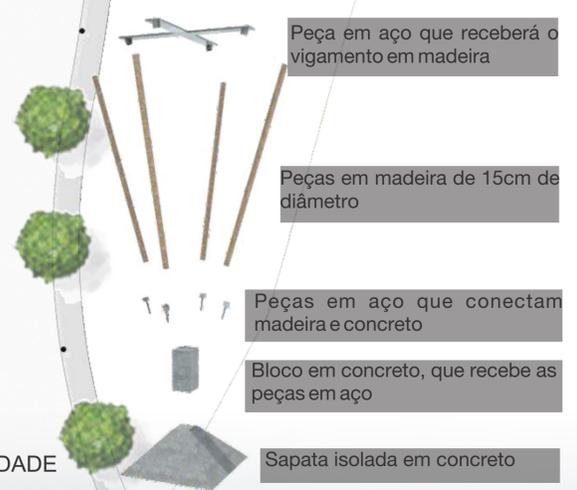
- 1- Sala flexível
- 2- Sanitários
- 3- Biblioteca e Sala de Memória dos Quilombos
- 4- Venda

-Edifício com cobertura verde

O material dos blocos desse edifício são painéis em madeira, alguns com aberturas em vidro para iluminação, ventilação, e também, podem ser abertos quase completamente.

Conta com três blocos, o primeiro, uma sala de reunião, palestra, oficinas e minicursos; o segundo, ficam dispostos os banheiros, a biblioteca e espaço de memória, que tem por objetivo deixar armazenado documentos a cerca da cultura Quilombola, e seus desmembramentos com o passar dos anos, além de materiais produzidos sobre a comunidade do Quilombo Mormaça.

1 Perspectiva explodida do Pilar Árvore

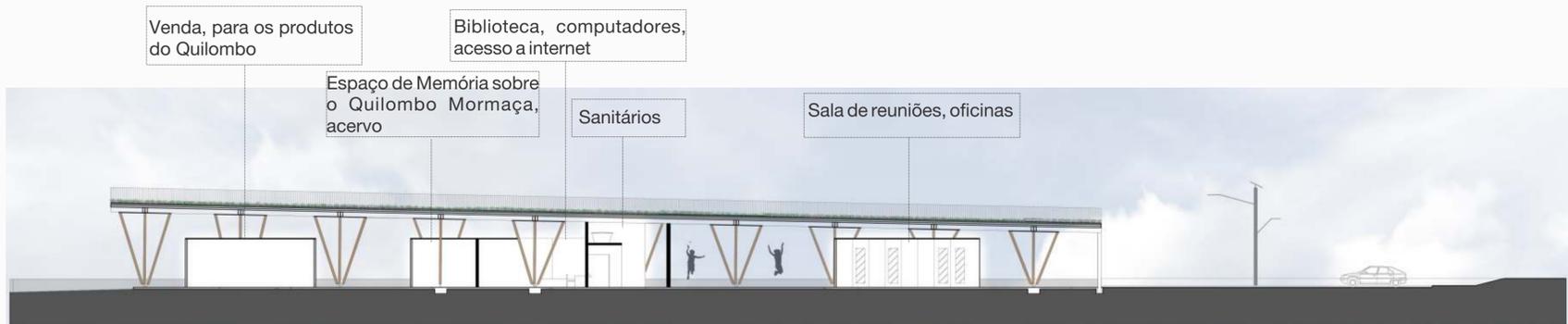


PLANTA BAIXA CENTRALIDADE





Corte A'A''
Esc: 1/200



Corte B'B''
Esc: 1/200



Corte C'C''
Esc: 1/250



Corte D'D''
Esc: 1/200





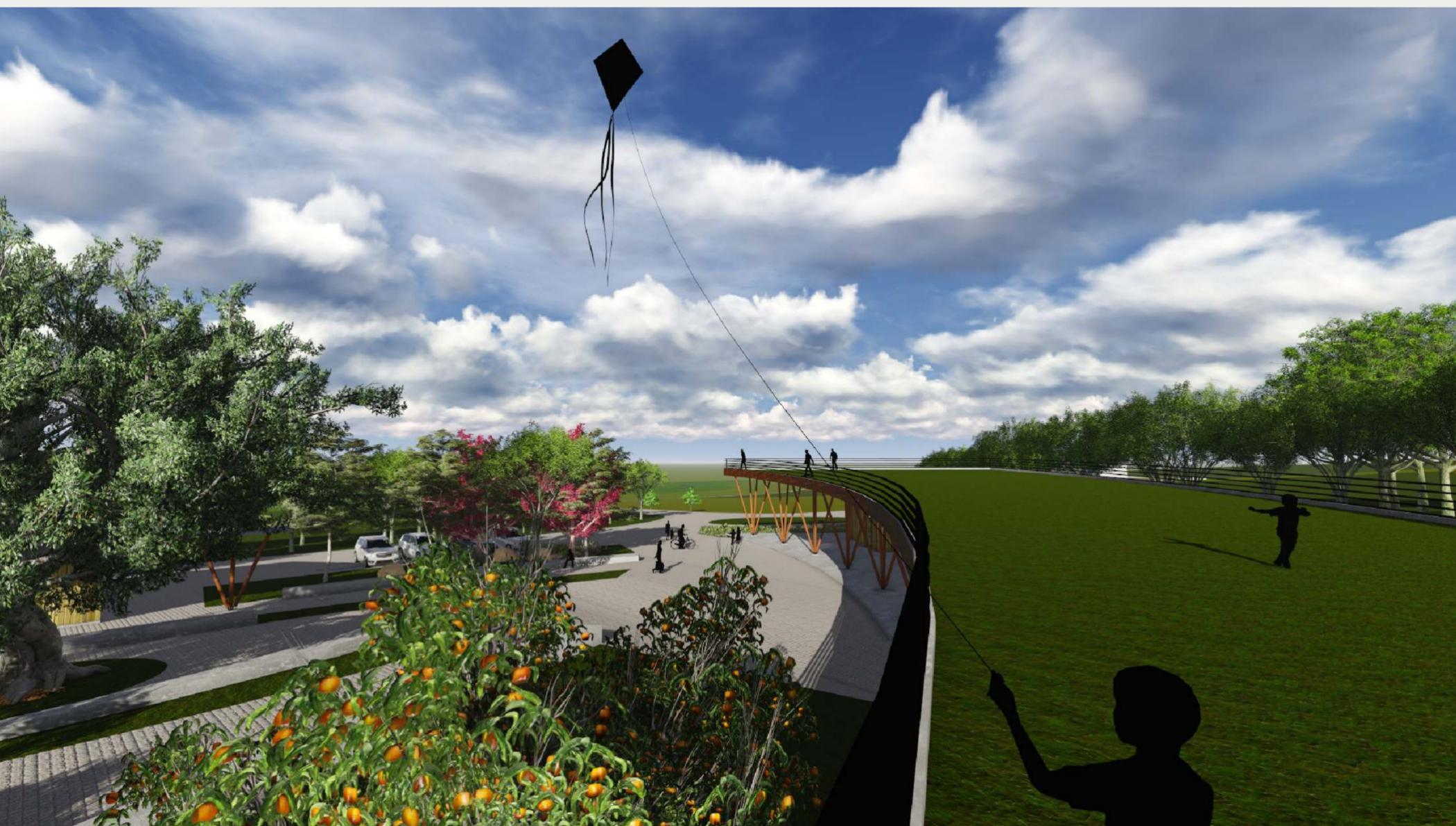
Corte E'E''
Esc: 1/200

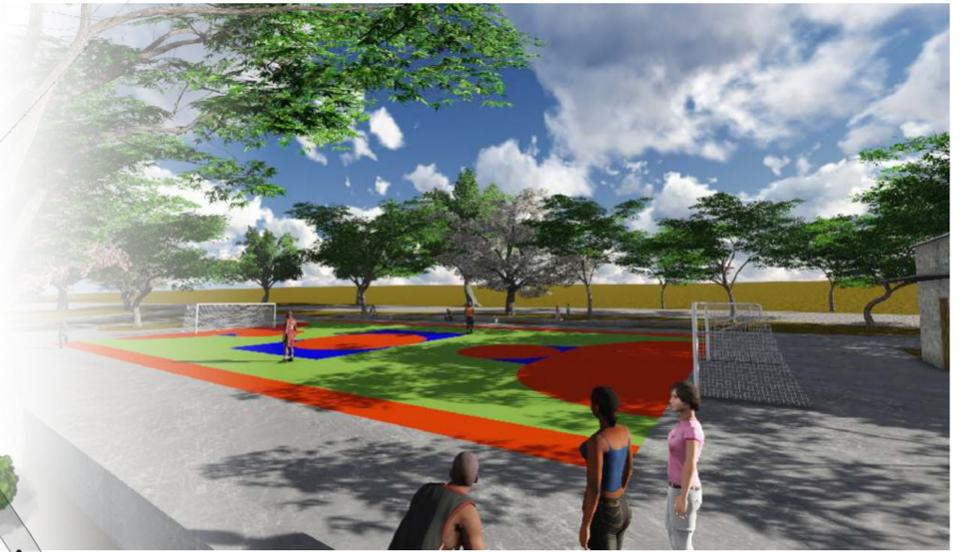


ELEVAÇÃO OESTE SALÃO COMUNITÁRIO
Esc: 1/200

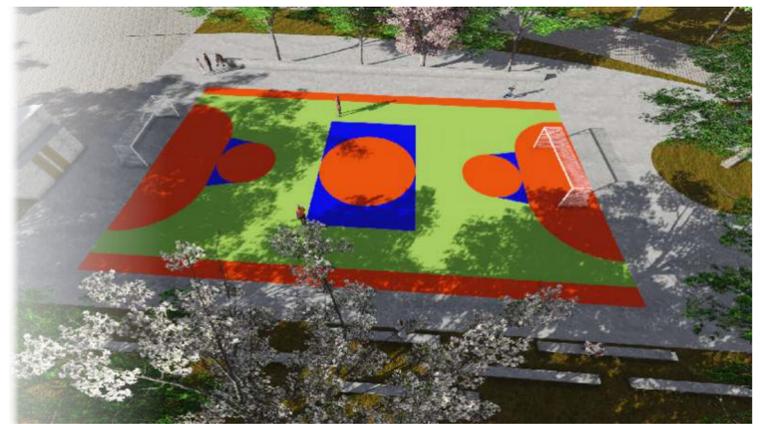


ELEVAÇÃO OESTE DO EDIFÍCIO COM COBERTURA VERDE
Esc: 1/250





Perspectiva da Quadra



Vista Quadra Poliesportiva



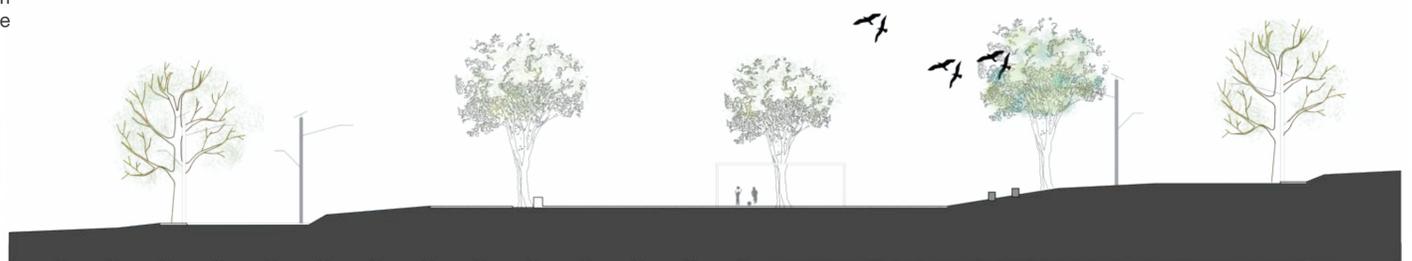
Pavimento em concreto, com placas que se espalham em meio as gramíneas

PLANTA BAIXA ÁREA DE ESPORTE
Esc: 1/200



A área de esporte é um equipamento importante para a comunidade, tanto para a socialização com as comunidades do entorno, quanto por haver um espaço em que crianças e adultos poderão brincar e praticar algum esporte.

O objetivo é criar uma área simples, com quadra, bancos, sanitários, áreas sombreadas e estacionamento.



CORTE A'A'
Esc: 1/200



CORTE B'B'
Esc: 1/200



Acesso lado Sul



Acesso lado norte vista da praça e edifícios



Imagem noturna do edifício com cobertura verde, mureta para sentar e painéis das salas



Final de tarde na cobertura do edifício



Praça, vista da fachada do Salão Comunitário



Implantação para facilitar o entendimento de cada espaço criado.
Sem escala.



Cobertura, acesso salão comunitário



Pilar árvore que sustenta a cobertura que dá acesso ao salão comunitário



Painéis em madeira do salão comunitário

